

Giro na leitura: uma proposta didática de leitura de crônicas para o Ensino Fundamental II

Carla Roselma Athayde Moraes¹

Ana Maria Alves Gonçalves²

Daniela Rodrigues de Sousa³

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta didática que objetiva promover a prática de leitura, por meio de atividades sequenciadas, explorando a interação dos estudantes com o gênero textual crônica, valorizando a compreensão leitora, mediante o uso da intertextualidade na construção dos sentidos dos textos. Questionamos se o trabalho com esse gênero textual, por meio do círculo de leitura proposto por Cosson (2020), poderia possibilitar o desenvolvimento de habilidades leitoras dos estudantes. As teorias sustentadoras deste trabalho são as do Clube de leitura, de Cosson (2020) e a Multimodalidade, de Kress e Van Leeuwen (2010), além dos estudos de Koch (2022) e Bakhtin (1992). Selecionamos seis crônicas, de Luis Fernando Veríssimo e Rubem Braga, para, sob a perspectiva da pesquisa-ação propositiva qualitativa, propormos ações leitoras e produtoras de fotocrônicas. Ressaltamos, assim, a importância dessas atividades, considerando o discurso entremeadado pela observação arguta de um autor que fala e atua sobre a vida.

Palavras-chave: Crônica. Clube de leitura. Formação do leitor.

1

Reading circle: a didactic proposal for Reading chronicles for Middle

Abstract: This work consists of a didactic proposal that aims to promote the practice of reading, through sequenced activities, exploring the interaction of students with the textual genre called chronicle, valuing reading comprehension, through the use of intertextuality in the construction of the meanings of the texts. We question whether working with this textual genre, through the reading circle proposed by Cosson(2020), can enable the development of students' reading skills. The theories that support our ideas

¹ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010); Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002); Professora credenciada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) para atuação no Mestrado Profissional em Letras – Unimontes; Minas Gerais, Brasil. E-mail: carla.athayde@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4684-8424>.

² Professora da rede pública estadual de Minas Gerais; Mestranda do Programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – Unimontes. Minas Gerais, Brasil. E-mail: anamaria.alves95@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1843-6662>.

³ Professora da rede pública estadual de Minas Gerais; Mestranda do Programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – Unimontes. Minas Gerais, Brasil. E-mail: danielarodriguesf194@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9209-0084>.



are those of the book club, by Cosson (2020), in addition to studies by Koch (2022) and Bakhtin (1992). We selected six chronicles, by Luis Fernando Veríssimo and Rubem Braga, in order to, from the perspective of qualitative propositional action research, propose reading actions and the production of photo chronicles. We emphasize the importance of chronicle reading considering the discourse interspersed with the meticulous observation of an author who speaks and acts on life.

Keywords: Chronicle. Reading Club. Reader's formation.

Giro en la lectura: una propuesta didáctica para la lectura de crónicas en la enseñanza primaria II

Resumen: Este trabajo presenta una propuesta didáctica que pretende promover la práctica lectora, a través de actividades secuenciadas, explorando la interacción de los estudiantes con el género textual crónica, valorando la comprensión lectora, mediante el uso de intertextualidad en la construcción de los significados de los textos. Nos preguntamos si el trabajo con este género textual, a través del círculo de lectura propuesto por Cosson (2020), podría permitir el desarrollo de las habilidades lectoras de los estudiantes. Las teorías que sustentan este trabajo son las del Club de Lectura, de Cosson (2020) y la Multimodalidad, de Kress y Van Leeuwen (2010), además de los estudios de Koch (2022) y Bajtín (1992). Seleccionamos seis crónicas de Luis Fernando Veríssimo y Rubem Braga, pues, desde la perspectiva de la investigación-acción proposicional cualitativa, proponemos acciones lectoras y productoras de fotocrónicas. Destacamos, por lo tanto, la importancia de estas actividades, considerando el discurso intercalado con la ingeniosa observación de un autor que habla y actúa sobre la vida.

Palabras clave: Crónica. Club de lectura. Formación de lectores.

2

1 Introdução

*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.
(Fernando Pessoa).*

O universo da leitura, imerso em suas múltiplas formas, linguagens e suportes, sempre nos impele, enquanto leitores, a adentrar pelo texto e descobrir os seus sentidos, os quais se confirmam ou se confrontam com outros textos, imagens e sons, conhecidos ou não por nós. Essas experiências de leitura, consoante a Cândido (1972), não surgem do “vazio” e, no contexto escolar, devem ser vivenciadas para que os alunos se apropriem dos atos de leituras como um direito inalienável, sob pena de mutilar as suas possibilidades de terem acesso ao conhecimento cultural, social e artístico, o qual o texto lhes propõe.

Dessa forma, a proposta didática intitulada “*Giro na leitura: uma proposta didática*”

de leitura de crônicas para o ensino fundamental II apresenta uma possibilidade para a leitura de crônicas, evocando o ato de girar, no sentido de movimento ou circuito de leituras, seguindo a metodologia do clube de leitura no formato “estruturado”, o qual, segundo Cosson (2020), envolve a mediação do professor, que organiza um roteiro de estudos, a fim de orientar a participação dos estudantes, divididos em grupos, para a leitura e a realização de “[...] atividades de registro antes e depois da discussão” (COSSON, 2020, p. 158) dos textos. Essa perspectiva, de acordo com Cosson (2020), pode criar, em contextos de sala de aula, “rituais” de leitura para que os alunos possam se organizar e serem ativos na execução dos trabalhos que lhes forem propostos. Nessa perspectiva, a indagação levantada é: *O gênero textual crônica, por meio do círculo de leitura proposto por Cosson (2020), pode favorecer o desenvolvimento de habilidades leitoras nos estudantes do 8º ano, do ensino fundamental II?*

Esta proposta didática foi elaborada para ser desenvolvida em salas de aula da educação básica, especificamente em turmas de 8º ano, do ensino fundamental II, tendo como objetivo geral *promover a prática de leitura, por meio de atividades sequenciadas que explorem a interação dos estudantes com o gênero textual crônica, valorizando a compreensão leitora, mediante o uso da intertextualidade na construção dos sentidos dos textos selecionados para este trabalho*. É fundamental, portanto, que os alunos tenham acesso à leitura, tanto como objeto de fruição quanto como caminho para a concretização da apreensão dos sentidos do texto, por intermédio do intertexto, uma vez que a “[...] intertextualidade é constitutiva de todo e qualquer discurso” (KOCH, 2022, p. 143).

A nossa hipótese, desse modo, é de que a leitura, executada de forma individual e, depois compartilhada, pode propiciar a instauração do diálogo em que os leitores precisam acionar outros conhecimentos e textos para efetivarem o sentido de determinada leitura, confirmando, refutando ou construindo novos sentidos para o texto lido, como nos salienta Koch (2022), ao discorrer sobre o objetivo da intertextualidade, postulando que “[...] o objetivo é, pois, levar o interlocutor a ativar o texto original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original.” (KOCH, 2022, p. 145). Desse modo, o texto ganha maior significado a partir do acionamento dos conhecimentos prévios e experiências do leitor, ativados no ato de realização da leitura.

Nesta proposta didática, empregamos a metodologia da pesquisa-ação propositiva qualitativa, uma vez que, sob a sua perspectiva, é permitida a atuação dos sujeitos que

estão envolvidos no processo pedagógico. Dessa maneira, há a possibilidade da identificação das lacunas de leituras apresentadas pelos estudantes envolvidos nas ações didáticas e reflexões por parte dos educadores, a fim de procurar por metodologias e recursos educacionais capazes de minimizar as falhas identificadas e fortalecer as ações pedagógicas, propiciando a aquisição de novas habilidades leitoras por parte dos alunos.

Nesse âmbito, selecionamos o gênero textual crônica, por se tratar de um texto, normalmente, curto, agradável e que tende a despertar, intensamente, o interesse dos leitores, por meio de uma linguagem pautada, geralmente, pela informalidade no estilo de escrita e inter-relação com temas vividos no cotidiano. A crônica, portanto, pode ser capaz de provocar a reflexão, a comunhão de ideias, de sentimentos e de perspectivas entre o locutor e o interlocutor, resultando, desse modo, em um processo de envolvimento do leitor não apenas pela interpretação que se faz desse gênero textual, mas pela forma como o autor conduz o seu discurso, conforme assevera Moraes (2022) ao defender que:

[...] do ponto de vista da recepção, percebe-se que os sentimentos vivenciados pelo leitor não se devem apenas à operação interpretativa que lhe cabe efetuar, mas resultam do seu envolvimento com o contexto imediato e mediato em que o escritor se acha circunscrito. Com isso, o envolvimento da instância receptora não se justifica apenas pelo contato com o texto em sua materialidade, mas, também, pela assimilação do modo como a instância produtora conduz seu ato discursivo. (MORAES, 2022, p. 286).

Nesse ínterim, Cosson (2020) defende que a leitura de crônicas pode se constituir como uma prática social de leitura, no contexto escolar, porque provoca nos leitores atitudes e sentimentos que transcendem o caráter informacional da leitura para se concretizar. A respeito da ação da leitura cronística sobre a realidade sociocultural, Moraes (2022, p. 285) defende que ela é tida “[...] como uma das formas mais efetivas e, geralmente, legítimas de interferir na realidade, de mudar ou transformar formas de pensar e agir”. Sendo assim, o trabalho com a crônica tende a suscitar o interesse pela leitura nos estudantes.

A crônica, segundo Moraes (2022), despontou no Brasil em fins do século XIX e início do século XX com o advento da imprensa no país, permitindo a produção e circulação deste gênero, diariamente nos jornais, tendo como precursor o autor João do Rio e outros cronistas de destaque na época, como Machado de Assis, José de Alencar, Olavo Bilac, entre outros, que delinearão o gênero na literatura e no jornalismo brasileiro,

contando, modernamente, com grandes cronistas, tais como Luis Fernando Veríssimo e Rubem Braga, cujos textos foram selecionados para o desenvolvimento desta proposta didática.

Nesse contexto, as teorias que sustentam as ideias desta proposta são as defendidas por Cosson (2020) acerca dos Clubes de Leitura, ao afirmar que os círculos de leitura possuem caráter formativo e promovem o estreitamento dos laços sociais, por meio da leitura em grupo; as defesas de Kress e Van Leeuwen (2010) a respeito da multimodalidade, que nos possibilita representar os significados da leitura, sob vários modos ou formas. Além dos estudos acerca da leitura, realizados por Koch (2022) e Bakhtin (1992), entre outros.

2 Fundamentação teórica

A apropriação da leitura em contexto escolar é um processo que, segundo Cosson (2020), exige a articulação de outros fatores além dos linguísticos, como interação, participação e compartilhamento que pode se dar por intermédio de múltiplas práticas de leitura, a fim de que os alunos possam se constituir em uma comunidade de leitores que tenham repertório. Ciente dessas exigências no campo da leitura, os professores devem procurar desenvolver metodologias didáticas inovadoras e reflexivas, a partir do contexto sociocultural do estudante.

Nessa perspectiva, conforme assegura Cosson (2020), a estruturação do clube de leitura, em sala de aula, pode cumprir a função de possibilitar a construção de repertório de leituras, visto que permite a execução de um trabalho com e entre textos de diversos formatos e linguagens, por meio de atividades sistematizadas que possibilitem a construção de rituais de leitura. A esse respeito, Cosson (2020) demonstra alguns tipos de recursos promotores dos atos de leitura, postulando que:

Nada impede que um círculo de leitura se ocupe de fotografias ou os diversos quadros de um pintor ou de um movimento artístico, assim como combinar essa leitura com a leitura de livros que tratem desses temas. Canções, histórias em quadrinhos, contos orais e todos os meios em que a palavra se faz arte são literatura e podem ser objetos de leitura em um círculo de leitura. (COSSON, 2020, p. 163).

Nesse processo de apreensão dos sentidos do texto, especificamente no campo da leitura de crônicas, o conhecimento do intertexto, segundo Koch (2022), fornece subsídios ao leitor para a efetivação da compreensão da leitura desse gênero cronístico,

oportunizando que sejam realizadas referências a outros textos, verbais e não verbais, para apreensão da relação dialógica entre os textos. Desse modo, o leitor, posto diante do gênero textual crônica, pode compreendê-lo de forma efetiva quando tem domínio do intertexto, o que integra, segundo Cosson (2020), a prática norteada pelos percursos dos circuitos ou modos de leitura do intertexto, assim delimitadas:

- *Intertexto-autor*, que se relaciona com o modo como o autor, por meio do seu texto, dialoga com outros textos, confirmando ou estruturando novas ideias.
- *Intertexto-leitor*, o qual trata da forma como o leitor constrói os sentidos por intermédio do texto. Esses sentidos não podem ser arbitrários e dependem da relação de coerência, tendo como base os elementos linguísticos. Dessa forma, esse modo de leitura permeada pelo intertexto-leitor pode ser mais produtivo se o repertório de leitura dos estudantes possibilitar a associação entre o texto lido e os múltiplos textos existentes na sociedade.
- *Intertexto-texto*, que diz respeito às referências realizadas com outros textos e linguagens, os quais apresentam certa conexão com o lido para, assim, estabelecer o diálogo, reforçando, revendo ou acrescentando novos posicionamentos.
- *Intertexto-contexto*, é a possibilidade do texto lido e colocado para análise compreensiva do leitor poder dialogar com outros estilos e gêneros textuais, assumindo, então, novos sentidos.

Conforme descrito anteriormente, as leituras do intertexto perfazem esta proposta didática, a partir da leitura de crônicas, proporcionando a interação leitora dos alunos de 8º ano do ensino fundamental II, provocando a mobilização e a participação na construção dos sentidos textuais. As ações previstas neste trabalho permitem que o estudante seja não apenas um “consumidor” de cultura, mas produtor de sentidos, compartilhando suas ideias por meio dos textos lidos, assumindo, dessa forma, uma posição ativa e responsiva, como defendida por Bakhtin (1992), convergindo-se em um processo que demanda respostas possíveis para o preenchimento de lacunas que o gênero textual crônica lhe propõe, em conexão com os aspectos culturais, históricos e sociais.

Nessa perspectiva, o trabalho com a intertextualidade, nesta proposta didática, elege a leitura de seis (6) crônicas, as quais estão divididas entre grupos, selecionando procedimentos de leitura que motivem e mobilizem os alunos para uma prática leitora que, além de compreender as especificidades do gênero textual crônica e a sua linguagem,

possam conseguir relacioná-la com outros textos e linguagens para apreensão de novos sentidos, visto que a execução desse processo de leitura, no âmbito da sala de aula, exige a mediação do professor, pois, como afirma Koch (2022, p. 145), “[...] o reconhecimento do intertexto é menos garantido, visto que depende da amplitude dos conhecimentos que o interlocutor tem representados na sua memória”. Sendo assim, são fundamentais a elaboração e a execução de ações que promovam a leitura do gênero crônica, abordando os acontecimentos dos contextos socioculturais dos estudantes, a fim de que estes possam associar os textos lidos às suas vivências e, assim, o texto possa assumir diferentes significados diante dos seus leitores.

Nesse viés, utilizaremos, também, a abordagem da multimodalidade, que foi defendida por Kress e Van Leeuwen (2010) e nos possibilita representar os significados da leitura sob vários modos ou formas, isto é, por meio de imagens, gestos e sons, permitindo que os alunos, por intermédio dos intertextos presentes nas crônicas, objeto de leitura aqui proposto, construam novos sentidos, integrando-os às imagens do cotidiano, que serão registradas por fotografias estáticas ou em movimento, conforme a relação intertextual entre o texto e a imagem selecionada, constituindo-se em “fotocrônicas”. É fundamental, portanto, que ao estudante sejam disponíveis diferentes meios para a efetivação dos processos de leitura.

7

3 Proposta didática

O título desta proposta é *“Giro na leitura: uma proposta didática de leitura de crônicas para o ensino fundamental II”*, tendo como público-alvo estudantes do 8º ano, envolvendo, desse modo, o componente curricular de Língua Portuguesa, admitindo, no entanto, a inclusão de outros componentes interdisciplinares, como Artes e História. Nessa perspectiva, conforme ressaltamos inicialmente, o objetivo primordial desta proposta didática é *promover a prática de leitura, por meio de atividades sequenciadas que explorem a interação dos estudantes com o gênero textual crônica, valorizando a compreensão leitora, mediante o uso da intertextualidade na construção dos sentidos dos textos selecionados para este trabalho.*

Seguindo essa trajetória, os objetivos específicos traçados nas atividades sequenciadas deste trabalho são os seguintes: *i) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas), presentes*

nas crônicas eleitas para este estudo (EF89LP32); *ii*) Selecionar procedimentos e estratégias de leitura, adequados a diferentes objetivos, levando em conta características do gênero crônica e seus suportes (EF89LP33); *iii*) Explorar os recursos visuais (como relações entre imagem e texto verbal) para propiciar diferentes efeitos de sentido. (EF89LP36).

A metodologia eleita para o desenvolvimento das ações propostas neste trabalho é a pesquisa-ação propositiva qualitativa, uma vez que propõe atividades em torno da leitura de crônicas, a fim de colaborar com o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa e motivar os atos de leitura, na formação do estudante leitor. Nesse sentido, ressaltamos as temáticas da leitura de crônicas, promovendo a motivação, a discussão e a interpretação interativa, e do clube de leitura, com ênfase no intertexto e na apreensão dos sentidos pela intertextualidade e o tema da fotocrônica, sob a perspectiva, também, da multimodalidade, uma vez que os textos atuais tendem a apresentar múltiplos modos de veicular uma mensagem e dialogar com outras semioses.

Quanto aos materiais e recursos, as crônicas a serem lidas e analisadas deverão ser impressas pelo professor e distribuídas para cada aluno da turma, uma vez que o objetivo primordial dessas ações didáticas é o incentivo da leitura e da escrita textual. Aos estudantes que possuem recursos tecnológicos e optarem por ler/ouvir os textos virtualmente, poderá haver a indicação dos *links* para acesso aos textos selecionados para as sequenciações didáticas. Sendo assim, o celular será necessário, também, para que os alunos possam fotografar as imagens do cotidiano que se relacionarem com a crônica lida em seu grupo de estudo. As crônicas escolhidas para este estudo, portanto, são as seguintes:

Quadro 1: Crônicas selecionadas para esta proposta didática

SELEÇÃO DE AUTORES, CRÔNICAS E TEMAS PARA A SEQUENCIAÇÃO DIDÁTICA		
AUTORES	CRÔNICAS	TEMAS
Rubem Braga (1964)	Mãe	Dia das mães.
Rubem Braga (1991)	Recado ao Sr. 903	Conflito, mudança e renovação.
Rubem Braga (1949)	Pedaços de Cartas	Trabalho, viagem e saudade.
Luis Fernando Veríssimo (2017)	Dois mais dois	Inocência e sagacidade infantil.
Luis Fernando Veríssimo (2017)	Lixo	Solidão, ausência da família e o lixo como uma fonte de informação sobre as pessoas que o produzem.
Luis Fernando Veríssimo (2017)	O homem trocado	Desenganos.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Nessa perspectiva, a turma deverá ser organizada em seis (06) grupos, por meio de sorteio realizado pelo professor e combinado, antecipadamente, com os alunos. Diante dessa configuração, cada integrante, de cada grupo, receberá uma crônica impressa, objetivando a realização da leitura individual das crônicas pelos alunos, em casa. Após essa etapa individual de leitura, deverá ser proporcionada pelo professor, em sala de aula, a discussão da leitura realizada, de forma colaborativa, por cada grupo e a produção de texto, colaborativa, sobre a apreensão dos sentidos da crônica lida e analisada.

Nesse cenário, é indispensável, também, a discussão sobre os intertextos presentes na crônica e a influência destes para a construção dos sentidos do texto. Para prosseguimento desta atividade de sequenciação didática, a proposta é que seja escolhida, em grupo, uma imagem do cotidiano que se relacione com a crônica lida e os alunos deverão realizar o registro do fato diário, por meio de foto estática ou em movimento. A seguir, será feita a produção colaborativa de um texto, no estilo do gênero textual crônica, explicando a relação intertextual entre a foto e a crônica estudada. Por fim, a pretensão é que sejam apresentadas as fotocrônicas produzidas por cada grupo, para a turma.

9

Nesse quesito, a avaliação desse processo leitor será “formativa”, conforme a visão do Buck Institute for Education (2008), para que o professor, no decorrer das etapas ou módulos de execução da proposta, possa “[...] fazer balanços periódicos das aquisições dos alunos.” (PERRENOUD, 2000, p. 49) e orientá-los, devidamente, por meio de *feedbacks*, o que é imprescindível em um tipo de trabalho que valoriza a participação colaborativa do estudante, incentivando-o a compreender melhor seu método cognitivo para efetivar o conhecimento relativo à leitura.

Nessa perspectiva, a modalidade de avaliação progressiva se assimila a da consecução do letramento textual, que se constrói por meio dos níveis de leitura, consolidados, também, de forma gradual e progressiva. Exige, ainda, que o professor seja um mediador, cuja prática “[...] orienta, criando situações e dando auxílio, sem ser o especialista que transmite o saber.” (PERRENOUD, 2000, p. 35). Nesse olhar de orientação, ao invés da transmissão do conhecimento, o estudante deixa a postura passiva e passa a agir como protagonista dos atos de aprender, interagindo com os instrumentos do saber, com os colegas e professores e, juntos, formarão os modos de aprender a ser leitores.

Nessa abordagem, portanto, os intervalos entre as ações previstas nas sequências pedagógicas possibilitam a realização da avaliação, na perspectiva formativa, permitindo que os alunos assumam a postura construtiva em relação aos artefatos produzidos, individual e coletivamente, em cada tarefa. Desse modo, os alunos aprenderão interagindo; logo, os passos para realização desta proposta colaborativa estão descritos no quadro 2, a seguir.

Quadro 2: Planejamentos para o processo avaliativo

PROCESSO DE AVALIAÇÃO			
INSTRUMENTO	CRITÉRIO	HABILIDADE	PRODUTO
Leitura individual	Participação	Interagir com a leitura da crônica, de forma autônoma, e expressar, oralmente, o que entendeu sobre o texto.	Relato oral
Discussão da leitura em grupo	Interação e participação	Participar de discussões de leitura em grupo; expressar de forma autônoma e saber ouvir as opiniões dos outros de forma respeitosa.	Discussão em grupo
Análise da composição das crônicas selecionadas	Capacidade de análise e interpretação	Compreender a composição do texto cronístico, através de seus elementos básicos como: introdução, desenvolvimento, narrador, personagens, tempo e espaço.	Análise das crônicas selecionadas.
Relação do texto com outros temas e/ou áreas do conhecimento	Capacidade de fazer inferências e organizar as ideias com clareza	Inferir, por meio da crônica lida, os temas de outras áreas do conhecimento que são abordados nos textos escolhidos para estudo, fazendo o registro escrito dos temas abordados.	Síntese

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Nesse paradigma, os critérios de avaliação serão delimitados da seguinte maneira:

- i) Autoavaliação dos alunos, ação que está prevista para ser aplicada nas etapas que envolvem a leitura individual dos textos, bem como a discussão e análise do texto em grupo;
- ii) Autoavaliação do trabalho colaborativo, que se refere às ações previstas para as etapas que exigem a cooperação entre os alunos, principalmente no que concerne à execução dos trabalhos em grupo e à gestão das relações interpessoais;
- iii) Avaliação dos

gêneros textuais produzidos correspondentes a cada etapa do projeto, ou seja, após a conclusão de cada produto, o professor e os alunos discutirão os resultados dos trabalhos realizados.

O quadro 3, o qual está descrito a seguir, enfatiza os critérios eleitos para a realização da autoavaliação da leitura individual, contando com o *Feedback*, por parte do professor, que acompanha e orienta o processo educacional, buscando, juntamente com os estudantes, o melhor caminho para concretização dos atos de leitura.

Quadro 3: Autoavaliação da Leitura Individual

CRITÉRIOS PARA A AUTOAVALIAÇÃO DA LEITURA INDIVIDUAL
CRITÉRIOS
1. Ler a crônica de forma autônoma, dentro do prazo estabelecido.
2. Compreender o texto cronístico.
3. Realizar a discussão do texto lido com habilidade e apresentar, de forma coerente, os elementos do enredo.
4. Relacionar os assuntos abordados na crônica estudada com outros temas da realidade.
5. Demonstrar interesse de ler outros textos semelhantes ao lido e analisado.
6. Justificativas para as notas atribuídas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Por estarmos cientes, enquanto regentes de aulas, dos desafios enfrentados pelos professores de Língua Portuguesa no tocante aos eventos de leitura promovidos nas escolas brasileiras, pretendemos com o uso desses critérios para autoavaliação, tanto individual quanto coletivas, possibilitar o acionamento do senso crítico dos estudantes para a motivação nos processos propostos para a leitura individual e/ou coletiva, despertando o interesse pelo cultivo do hábito de leitura.

Como propomos ações pedagógicas na modalidade coletiva, traçamos, também, parâmetros para o direcionamento dos atos da autoavaliação; logo, o quadro 4, presente

neste texto, destaca os critérios para a autoavaliação na modalidade coletiva, com mediação de análises pelo educador, pretendendo a promoção de reflexões críticas a respeito das atividades educativas, com base na interação.

Quadro 4: Autoavaliação de Trabalho Colaborativo

AUTOAVALIAÇÃO DA LEITURA COLETIVA	
CRITÉRIOS	
1.	Expor, com clareza e polidez, as minhas ideias perante o grupo.
2.	Ouvir, com atenção, o que o outro tem a dizer.
3.	Cumprir as tarefas que são destinadas, conforme as decisões do grupo.
4.	Auxiliar os colegas quando eles apresentarem dúvidas em algum detalhe do trabalho.
5.	Evitar conversas desnecessárias quando estiver executando o trabalho em grupo.
6.	Solicitar, em conformidade com o grupo de trabalho, a orientação do professor quando não entender algum tópico do trabalho.
7.	Justificativas para as notas atribuídas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Nesse viés, o trabalho em equipe é valorizado e incentivado, de maneira a ressaltar o estudo colaborativo, em que os estudantes sejam construtores do conhecimento e percursos de leitura, visto que, consoante a Solé (1998, p. 118), a leitura compartilhada deve ser tomada como uma prática em que “[...] o professor e os alunos assumem – às vezes um, às vezes os outros – a responsabilidade de organizar a tarefa de leitura e de envolver os outros na mesma”. Com esse olhar de trabalho colaborativo, valorizamos a participação interativa dos estudantes nos eventos construtores do processo de ensino-aprendizagem.

Esta proposta didática apresenta, também, o foco na produção escrita reflexiva e colaborativa do gênero textual fotocrônica, visto que permite suscitar no outro um processo reflexivo no tocante aos aspectos da linguagem, uma vez que, conforme os argumentos de Bunzen (2006, p. 158), “(...) uma política de ensino de língua fortalecedora das práticas sociais dos alunos em contextos culturais específicos, pois não podemos negar o conflito intercultural que tem lugar na escola [...]”. Nesse parâmetro, elaboramos critérios para autoavaliação da escrita textual, sobre os quais serão dados os

feedback necessários, a fim de gerarem conhecimentos relativos ao trabalho proposto com os textos, demonstrados no quadro 5, a seguir.

Quadro 5: Autoavaliação da Produção de Gênero Textual

AUTOAVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL	
CRITÉRIOS	
Forma de composição / Estrutura	O texto apresenta organização estrutural, por meio da seleção e disposição das palavras, frases, parágrafos, tópicos, imagens e outros elementos.
	A organização estrutural do texto obedece às exigências do gênero textual crônica.
	A estrutura do texto está adequada ao público leitor.
Tema(s)	A linguagem utilizada no texto segue as exigências para o gênero textual crônica.
	A linguagem utilizada é compreensível ao público leitor a que se destina.
	Há coerência na organização das ideias do texto.
Estilo	A linguagem utilizada no texto produzido demonstra claramente o uso adequado dos recursos intertextuais, a partir das características do gênero textual crônica.
	A escolha das palavras define o estilo específico a que o gênero textual pertence.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

A partir desses critérios estabelecidos, é possível que o professor tenha maior direcionamento nos percursos e propósitos traçados para o desenvolvimento das suas ações pedagógicas, objetivando, assim, oferecer aos estudantes condições apropriadas, por meios de diferentes recursos didáticos, para a aquisição e/ou desenvolvimento das habilidades leitoras tão fundamentais para a inserção ativa na sociedade. É importante destacar, também, que esses apontamentos feitos neste trabalho traduzem critérios possíveis para serem adotados pelos professores de Língua Portuguesa, os quais se dedicam ao trabalho com a leitura.

Diante desse cenário, o quadro 6, a seguir, discorre a respeito de algumas sugestões deixadas para o professor de Língua Portuguesa trabalhar a leitura da crônica “Recado ao Senhor 903”, de Rubem Braga (1991), a qual aborda as temáticas dos conflitos, as mudanças e as renovações vividas pelo ser humano, o qual está inserido em

um dado contexto sociocultural. É relevante enfatizar que as sugestões apresentadas aqui poderão ser adaptadas para leitura e análises de outros textos.

Quadro 6: Orientações para o professor

ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR
Providencie as cópias do texto “ <i>Recado ao Senhor 903, de Rubem Braga (1991)</i> ”, e distribua para toda a turma.
Motive os alunos para a leitura da crônica “ <i>Recado ao Senhor 903, de Rubem Braga (1991)</i> ”, por meio de perguntas, procurando estimular o poder de fala dos alunos, estimulando-os para a leitura da crônica.
Vocês conhecem o texto?
Imaginem pelo título, o que será tratado no texto?
Desejam participar da leitura do texto?
Os alunos podem auxiliar na leitura oral do texto, lendo partes dele.
O que vocês entenderam desse texto? Que fato nessa história você achou mais interessante? Por quê?
Quais são os personagens que vocês julgam ser mais importantes na narrativa? O que eles executam na história?
Em qual espaço a narrativa acontece?
Em qual tempo a história decorre?
Como é o início, o desenvolvimento e o final do texto?
Vocês sabem o que é enredo de uma história?
Vocês sabem o que é crônica? Já leram alguma?
Fale com os alunos sobre o gênero textual crônica e suas particularidades tais como: linguagem, estrutura, presença de diálogos, humor, personagens, narrador, etc.
Proponha-lhes a produção escrita de um texto, sintetizando o assunto tratado na crônica.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

4 Proposta de Atividade de Sequenciação Didática

As ações previstas para serem desenvolvidas nesta proposta deverão seguir algumas etapas fundamentais para a efetivação das leituras crônicas, sendo:

1ª ETAPA

- ⇒ Leve as seis (06) crônicas, previamente selecionadas, para a sala de aula e explique o objetivo da proposta didática.
- ⇒ Divida a turma em seis (06) grupos, com cinco (05) alunos em cada um ou conforme a especificidade da turma.
- ⇒ Realize o sorteio dos seis (06) textos entre as seis (06) equipes.

2ª ETAPA

- ⇒ Cada aluno, conforme o texto que couber à sua equipe por sorteio, deverá levar a crônica sorteada para casa e fazer a leitura individual para o trabalho do dia seguinte.
- ⇒ No dia seguinte e na sala de aula, oriente os estudantes para que façam o relato oral da leitura realizada em casa.
- ⇒ Incentive a discussão da leitura em grupo, em sala de aula.
- ⇒ Peça que os estudantes, em grupo, procedam à análise do texto referido, quanto aos elementos constituintes do texto cronístico, tais como introdução, desenvolvimento, tipo de narrador/condutor do relato, personagens, tempo e espaço, entre outros aspectos, de acordo com cada crônica.
- ⇒ Oriente para que os alunos façam a produção de uma síntese, de forma colaborativa, abordando os elementos constitutivos do texto lido.

3ª ETAPA

- ⇒ Oriente os estudantes para que façam uma pesquisa sobre o cronista que leram e escrevam, no caderno, um texto em formato de síntese, apresentando as informações sobre o escritor.
- ⇒ Peça que eles identifiquem o(s) tema(s) ou assunto(s) abordado(s) no texto lido e os escrevam no caderno, em forma de tópicos.
- ⇒ Explique como esse(s) tema(s) é(são) abordado(s) no texto pelo cronista.
- ⇒ Questione se o assunto abordado no texto pertence à ficção ou à realidade, incentivando os comentários.
- ⇒ Levante reflexões se os alunos já leram ou conhecem outro texto (música, imagem, narrativa) que dialoga com o texto lido. Se conhecerem, peça que o citem e que comentem.
- ⇒ Direcione a pesquisa de um texto (música, tela, poesia, crônica) que estabeleça uma relação intertextual com a crônica que eles leram, pedindo que citem o título do texto que pesquisaram e o nome do(a) cronista.
- ⇒ Sugira e oriente a revisão dos textos produzidos, de forma colaborativa.
- ⇒ Cada grupo, conforme o tema da crônica sorteada, deverá tirar uma foto que tenha relação com o texto lido e imprimi-la. A foto não poderá ser copiada da internet. Deixe essa tarefa bem clara!
- ⇒ Organize, juntamente com as equipes, a apresentação das fotos para a

turma, explicando qual a relação de sentido com a crônica lida.

⇒ As fotos impressas serão anexadas às crônicas, que serão publicizadas na escola numa exposição das fotocrônicas, sob a coordenação do professor e participação dos grupos de leitores, que apresentarão os trabalhos realizados à comunidade escolar.

5 Uma breve Proposta de Abordagem da crônica “Recado ao Senhor 903”, sob a perspectiva teórica e orientações expostas neste trabalho

A crônica de Rubem Braga, “*Recado ao Senhor 903*”, faz referência às vivências dos seres humanos em coletividade nas cidades modernas, em que é possível acontecer de um vizinho incomodar o outro, por meio do intenso barulho das atividades cotidianas. Essas inquietações podem provocar mudanças, transformações no indivíduo. É a respeito disso que Rubem Braga, a partir de detalhes, tece uma crônica profundamente reflexiva. É, portanto, uma excelente oportunidade para relermos essa narrativa introspectiva. Deixamos, ainda, uma amostragem de como poderá ser trabalhado o texto pelo viés da fotocrônica, trazendo imagens disponíveis no contexto sociocultural dos estudantes ou disponíveis nos meios sociais, valorizando o uso dos recursos digitais.

16



Figura 1: Fotocrônica do texto *Recado ao Senhor 903*, de Rubem Braga (1953), adaptado pelas autoras (2023), com base nas cenas do “*Poema suspenso para uma cidade em queda*”, de Cia. Mungunzá de Teatro (2015) e “*Recado ao Senhor 903*”, de Braga (1991).

Recado ao Senhor 903
Rubem Braga

"Vizinho,

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal – devia ser meia-noite – e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito a repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor; é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 – que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos: apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão: ao meu número) será convidado a

se retirar às 21h45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois as 8h15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada: e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus Algarismos. Peço-lhe desculpas – e prometo silêncio.

[...] Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: 'Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou'. E o outro respondesse: 'Entra vizinho e come do meu pão e bebe do meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e a cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela'.

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz."

(Rubem Braga. "Para gostar de ler". São Paulo: Ática, 1991)

Figura 02: Recado ao Senhor 903, de Rubem Braga (1991).

Este texto de um dos cronistas mais celebrados do Brasil constitui-se numa crônica travestida de "Recado". Neste texto, o professor tem a possibilidade de trabalhar na turma com o hibridismo característico dos gêneros textuais. Pela faceta que muitos gêneros apresentam de serem flexíveis e abrigar em si outros gêneros, o locutor desta crônica a designa por "recado". Tal designação não é sem propósito. O *ethos*, a imagem de locutor que se delineia no texto apresenta-se, assim, sem grandes pretensões, com pretensão grau de informalidade, ao dirigir-se ao outro em sua interação: "vizinho", que é típico do estilo de língua e discurso do gênero textual recado.

Há que se preocupar neste texto com o trabalho do interlocutor que deverá, com estímulo e auxílio do professor e colegas, averiguar dispositivo de publicação do texto,

em sua primeira aparição, o que o submete a um conjunto de normas sociais e jornalísticas que determinam, são decisivas para que, como leitores, vejamos este texto como pertencente ao gênero textual crônica, além dos conhecimentos que o professor deverá ativar, por fontes diversas, sobre o autor e seu ofício de escritor de crônicas, a reputação alcançada por ele nos mídias de sua época, inclusive o status de que ainda hoje goza junto ao público que gosta da leitura desse gênero textual, público especializado e não especializado.

Como dissemos, o *ethos* que se delineia no discurso cronístico possui um grau verificável de, pelo menos, suposta humildade, estratégia para captação do leitor e para que ele comungue de suas crenças, valores. Por exemplo, revela-se ciente de que morar em prédio de apartamentos exige certa disciplina com horários de afazeres e atividades do cotidiano: “Quem trabalha [...] tem direito ao repouso”, “O senhor teria ao seu lado a lei e a polícia.” É preciso que o professor, no decorrer do trabalho, chegue com seus alunos à relação que o cronista, como estrategista, sujeito argumentante, trabalha para efetuar o seu posicionamento crítico diante da vida moderna. De forma persuasiva, depois de mostrar os motivos, de fato, para demonstrar a razão do senhor 903, ele introduz de forma subreptícia o primeiro argumento favorável a si: “[...] como não sei seu nome e nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser [...] dois números empilhados”. Nesse trecho, o professor deverá contar com sua habilidade na condução das conclusões possíveis para este argumento não aleatório, no sentido de que toma como base nossas próprias experiências diretas ou indiretas no cotidiano das médias e grandes cidades, vivências atuais nossas de quase absoluto desconhecimento das pessoas que nos cercam, da vida dos nossos próximos, a ponto de, segundo o locutor do texto, perdermos nossa identidade humana para sermos substituídos por números.

Estratégias bem efetivas são utilizadas por ele e devem ser discutidas com os alunos leitores. Bem típica do gênero crônica, por exemplo, é a ironia: “Quem vier a minha casa (perdão: ao meu número) [...]” “Apenas eu e o oceano atlântico [...] nos agitamos e bramimos ao som da maré, dos ventos e da lua.” Podemos conduzir uma interpretação desses trechos como irônicos, já que ele (locutor-cronista) se compara ao oceano que se insurge contra normas; o cronista também, apelando para a tendência à coisificação do ser humano, à perda da identidade de humanos, alude a ser um número, posição alienante trazida pelo mundo de base capitalista. O professor pode resgatar a construção do *ethos* de suposta humildade, verificável aparentemente: “Peço-lhe desculpas- e prometo silêncio”.

A partir daí, trabalhar com os alunos a questão de que, na verdade, o cronista se insurge: “[...] que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo”, ou seja, não vou me acomodar. O cronista fecha, então, seu texto com fecho de ouro, convocando o vizinho à celebração da fraternidade entre os humanos: “Entra, vizinho, e come do meu pão e bebe do meu vinho”, numa alusão intertextual a um estilo de linguagem típica de narrativas bíblicas, possível de ser verificada com os alunos, na busca pelo intertexto. Ele até cita textualmente, evoca o outro, bíblico: “[...] celebrar para agradecer a Deus”.

Na verdade, costumamos encontrar alusões a muitas narrativas, relatos bíblicos de celebração da vida e outras temáticas em pleno texto moderno, textos de hoje em dia. Os alunos poderão perceber, com a ajuda do professor, como os textos dialogam entre si, uns resgatando os outros para seus fins determinados. Encontramos, inclusive, uma metáfora utilizada pelo cronista para seu comportamento futuro em relação à necessidade de repouso do vizinho do apartamento 903: “Prometo, de hoje em diante, um comportamento de **“manso lago azul”** (grifos nossos), evocando, aludindo intertextualmente a um poema da nossa literatura, “Os cisnes”, do autor Júlio Salusse: “A vida, manso lago azul muitas vezes,/ muitas vezes mar fremente”, citamos aqui dois versos. Podemos perceber que o intertexto confere o tom poético à passagem. O locutor compara-se dessa forma: “Eu e o oceano bramimos”, isto é, somos “mar fremente”, mas o cronista será “manso lago azul”, isto é, não fará barulho após às 22h.

Enfim, este breve comentário não esgota possibilidades de abordagem desse texto, de como direcionar um trabalho com a crônica, observar seu potencial híbrido como gênero e discuti-la, deslindá-la com os alunos. Há outras e grandes possibilidades de abordagem dela, a oportunidade de discutirmos temáticas caras a todos nós, que fazem parte de nossas realidades, do cotidiano de nossas vidas, de forma mediata ou imediata.

6 Considerações finais

Ressaltamos a importância de se propor a leitura de crônicas, em sala de aula, enfatizando as suas peculiaridades e representatividade que esse gênero, no percurso da história e cultura brasileira assumiu, enredando a organização de um discurso entremeado pela observação e olhar arguto de um autor que fala e atua sobre a vida, convidando-nos a fazê-lo também de forma participativa.

Reiteramos que as experiências de leitura precisam acontecer no ambiente escolar, que, para a realidade social de muitos alunos, torna-se um espaço único e, porque não

dizer, o primeiro, em que eles podem ter acesso à leitura. É imprescindível que haja práticas de leituras diversificadas, as quais possam propiciar aos alunos a oportunidade de vislumbrarem novas possibilidades de ler, sentir e viver.

Finalizamos, evocando a metáfora da cegueira do personagem Miguilim, do autor Guimarães Rosa (1986), que, por sua dificuldade de visão, não sabia compreender as coisas. Quem dera, possamos, como professores de Língua Portuguesa, mediar a compreensão da leitura entre nossos alunos para que eles possam enxergar o mundo de modo mais consciente!

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992 p. 261-306.

BRAGA, Rubem. Mãe. In: BRAGA, Rubem. *A cidade e a roça*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964, p. 57.

BRAGA, Rubem. Pedços de cartas. In: BRAGA, Rubem. *O homem rouco*: crônicas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1949.

BRAGA, Rubem. Recado ao Sr. 903. In: BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION. MARKHAM, Thom; LARNER, John; RAVITZ, Jason (Org.). *Aprendizagem baseada em projetos*: guia para professores do ensino fundamental e médio. Tradução de Daniel Bueno. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BUNZEN, Clecio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: Bunzen, Clecio; Mendonça, Márcia (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Tradução e organização: ROJO, Roxane; SALES, Glaís. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras,

2004.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2022.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Hodder Arnold, 2001.

MORAES, Carla Roselma Athayde. *A crônica jornalística brasileira em João do Rio*. RUA, Campinas, SP, v. 28, n. 1, p. 283-294, 2022.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROSA, João Guimarães. Campo Geral. In: ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SABINO, Fernando. *O homem nu*. 24 ed. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 65-68.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Tradução de Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VERISSIMO, Luis Fernando. Dois mais dois. In: VERISSIMO, Luis Fernando. *Santinho*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017, p. 33.

21

VERÍSSIMO, Luis Fernando. O homem trocado. In: VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 28.

VERISSIMO, Luis Fernando. Lixo. In: VERISSIMO, Luis Fernando. *O analista de Bagé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.